



# Corpo Anímico

(Alento II fascículo) 20/21

de Pedro Ramos

## Introdução

Dando continuidade à obra *Alento*, no desenvolvimento de um dos seus seguintes fascículos, surge ***Alento II Corpo Anímico***, no qual o coreógrafo Pedro Ramos, após uma experiência imersiva de 3 anos de investigação no contexto da floresta, e explorando o corpo enquanto “pedaço de natureza” ligado ao entorno, fazendo uso da respiração enquanto tema, pretende agora desenvolver uma dança anímica para um grupo de 8 intérpretes.

Estes procurarão abarcar coreograficamente o conceito de “Paradoxo” de diferentes formas. ***Corpo Anímico*** mergulha na anatomia experimental das pequenas e grandes sensações e percepções que reforçam a ligação com o eã vital que tudo permeia. O princípio de Eros, uma matriz unificadora que agrega a própria realidade, de sentido e significado.

“Coagular o espírito, sublimar o corpo”

Resgatando a capacidade totémica do corpo/consciência em evocar, expressar e sintonizar com outras manifestações da vida, procura-se construir uma dança inspirada na complexidade dos sistemas vivos compreendidos de forma holística, contrapondo a singularidade do indivíduo à possibilidade de se ser parte de todo um sistema, de um corpo maior feito de várias partes.

O processo deverá decorrer entre o final de 2019 e o início de 2020, com apresentação em 2021. Cruza conceitos da Teoria do Caos e Sistemas Dinâmicos com a Ecologia Profunda, Psicologia, Filosofia, Alquimia e Práticas Orientais.

Cientes dos desafios do espírito do nosso tempo procura-se uma visão que faça parte daquilo que se deseja para o mundo.

Dentro do projecto *Alento* como um todo será ainda editado um filme documental, chamado ***Corpo Arbóreo***, resultante de uma colaboração entre Luís Margalhau e Pedro Ramos, e, um livro chamado ***Sutras Coreográficos***, que será parte de um pacote do qual se inclui mais dois livros: ***Espírito do Tempo***, um livro escrito a várias mãos com os contributos de Claudia Galhós, Daniel Tércio, Paulo M Rodrigues, Teresa Simas, Álvaro Fonseca e Ezequiel Santos, o outro, terá ainda o registo fotográfico do Conjunto da Obra *Alento* no qual estará incluído o ***Corpo Anímico***.

## **FUNDAMENTAÇÃO artística**

### **Contextualização**



A humanidade está a tornar-se consciente de sua interdependência fundamental e envolvimento participativo com os processos de sustentação da biosfera.

Mudanças climáticas globais, perda rápida de biodiversidade e colapso de ecossistemas naturais, bem como a desintegração da sociedade são exemplos das nossas limitações na forma de pensar e agir na relação com o mundo “mais-que-humano” e conosco próprios.

Estamos no processo de uma mudança fundamental nos parâmetros norteadores que regulam as sociedades.

Os escudos que a cultura tem oferecido para fazer face a esse medo visceral (da morte) tem servido o seu propósito a cada momento singular da história. Mas rapidamente é mercantilizado por algum grupo da sociedade, com o objectivo de dominar os restantes. A atitude de dominação e mercantilização dos recursos naturais e humanos, vem de um medo existencial irracional que se tornou enraizada nos paradigmas sobre o qual temos vindo a construir a nossa forma de viver e pensar.

Procura-se uma prática artística e de conhecimento alternativa à visão puramente dualista e de separação sujeito-objecto, homem-natureza, mente-matéria.

Um senso de profunda ligação com o mundo vivo, com os outros, com o nosso próprio corpo e com o ser maior ao qual o nosso ser individual em sua natureza profunda está ligado ou mesmo coincide (conceito yóguico de Atma) é o derradeiro antídoto para a ansiedade ontológica ou terror existencial que o ser humano de hoje em dia vive.

Decorrente do processo de criação, investigação e exploração coreográfica levado a cabo no primeiro fascículo de Alento, desenvolvido durante dois anos no contexto da floresta, estudo e exploração da respiração e do corpo enquanto energia, surge a vontade de estender e desenvolver o processo para uma peça composta por 8 intérpretes. O conceito “Zarte Empirie”, no qual Goethe propõe uma forma de conhecimento assente na percepção directa e intuitiva do mundo resultante de um processo de observação continuado e atento, decorrente de uma relação delicadamente estabelecida entre o observador e o observado, exprime bem a tónica contemplativa no qual se tem vindo a desenvolver o processo de investigação e de criação de Alento.

Enquanto prática de investigação, e criação de uma nova linguagem e relação com o público, procura-se contribuir de forma responsável para a emersão de um consciência holística de que somos participativos e partes deste corpo maior que é a própria Vida.

## Sinopse

*Esta visão sobre a Floresta, não é o que a Floresta É.  
É sim uma sensação de vasto e ínfimo, que se sente ao estar na sua presença e na sua  
pertença, no seu silêncio habitado.*

*Nesse tempo parado, sente-se o espaço a torna-se ritmado pelo alento que permeia os  
fenômenos interiores e exteriores das presenças vivas que pontuam a imensidão.*

*Alento é o fio de atenção contínuo que percorre as diferentes circulações de ânimo, forma e  
estados que a vida atravessa - micro, macro e multidimensionalmente.*

*Uma abstração poético-filosófica corporalizada no encadeamento de fluxos energéticos,  
expressos em movimento, respiração e som.*

*Pedro Ramos*

**Breve resumo de um caminho:**



Nos solos Diário Metafísico, Memória de uma Origem e Quadratura do Espaço Curvo, Pedro Ramos explora a relação do indivíduo com a sua interioridade, questões existenciais e metafísicas do eu na procura do sentido da vida. Nesse percurso desenvolveu uma linguagem e uma metodologia de criação coreográfica muito própria, em estreita relação com as práticas e filosofias orientais (enquanto professor e praticante de Yoga), bem como com técnicas somáticas. O carácter simbólico presente no seu trabalho deve-se também à influência da Psicologia, na exploração dos conceitos de inconsciente colectivo, dos arquétipos e dos símbolos provenientes do inconsciente. Desenvolve também, a partir destes solos, uma estreita relação entre diferentes estados mentais e as suas correspondentes qualidades de movimento a partir de tarefas perceptivas que transportam o corpo para um “estado” de presença particular.

O modelo do processo Alquímico tem servido para o criador como uma inspiração e referência para a construção da sua própria metodologia de criação coreográfica, a qual tem aprofundado no contexto do Mestrado em Teatro do Movimento, na Escola Superior de Teatro e Cinema, em paralelo com a exploração e estudo das técnicas do Hatha Yoga, a qual a pratica à mais de 15 anos no Centro Português de Yoga. Na sua criação *Matriz Arcaica da Sublimação de um Corpo*, Pedro Ramos re-introduz o tema do indivíduo, desta vez, através da sua relação com o colectivo: *como nos podemos co-criar e potenciar como grupo e como indivíduos? No seguimento dessa busca pela reinvenção e procura*

da substancia simbólica essencial, recorreu a meia tonelada de barro a partir do qual concebeu em parceria com escultora Mariana Ramos o chão e envolvência plástica da peça onde foi desenvolvida uma dança para sete corpos.



Em *Coniunctio*, o coreógrafo propõe-se olhar para o espaço íntimo entre duas pessoas e trabalhar com a electricidade gerada pela proximidade, bem como com o potencial de transformação que esse encontro produz.

Ainda suportado pela visão de que o corpo é *energia*, procura em **Alento**, repensar o indivíduo enquanto “um pedaço de natureza” que constantemente se auto-define e recria, indo ao cerne das linhas basilares da ecologia profunda, a qual vê o corpo humano enquanto parte de um corpo maior do qual faz parte- *o próprio planeta* enquanto um organismo vivo, constituído por um múltiplo conjunto de sistemas complexos que trabalham e se auto-regulam de forma inteligente e intrincada, na sustentação e renovação da vida.

Nesse sentido, procura agora em **Corpo Anímico** (Alento II) o desafio de reunir um forte grupo heterogéneo de oito interpretes de dança, que sem perderem a sua individualidade

e singularidade própria, possam exprimir a ideia de um só corpo volátil, que “metamórficamente” possa ressoar e explorar diferentes manifestações de uma nuvem viva que se agrega e desagrega em diferentes tipos de constelações, dando corpo e voz à complexa interconectividade própria dos sistemas vivos. Uma escrita coreográfica oriunda de uma escuta activa, pelo habitar das linhas de força constituintes da matéria do corpo e que ligam o dentro ao fora, o interno ao entorno natural, que numa abertura para com o próprio contexto imersivo da floresta, possa acolher a autenticidade das suas próprias manifestações, ritmos, e fazer o próprio discurso artístico emergir desse próprio estado de presença.

### ***TERRITÓRIO DE investigação***

Aldous Huxley (1954) acreditava que “ao longo dos milénios da nossa evolução, os nossos cérebros aprenderam a abafar todas as percepções que não nos auxiliam directamente na luta quotidiana pela sobrevivência, ocultando-as sob véus opacos. Adquirimos segurança e capacidade de sobrevivência mas ao mesmo tempo, sacrificámos a faculdade de nos maravilharmos.” (in *As Portas da Percepção*)

O trabalho de investigação no domínio do corpo vai no sentido de permeabilizar esses véus, na revelação de um corpo inteiro capaz de vibrar, de se maravilhar e de retornar à sua essência. O território de investigação deste trabalho coreográfico surge do cruzamento de diferentes áreas, nomeadamente, o Yoga, a Psicologia, a Alquimia e as Artes Performativas, procurando uma visão alargada sobre o Corpo (performativo) enquanto uma unidade psicofísica, como “um pedaço de natureza a ser conhecido”. Consiste num sistema prático e alicerçado na criação de uma experiência no domínio do corpo, na abordagem ao movimento a partir de diferentes tarefas perceptivas, que se traduzem em distintas qualidades de movimento relacionadas com as etapas alquímicas e os estados da matéria (sólido, líquido, gasoso e plasma). Ao invés de uma dança formal ou conceptual, na qual a matéria permanece calada nos limites das linhas e volumes ou na tentativa de representar uma ideia, enfraquecendo muitas vezes a presença do corpo e da sua sensorialidade, neste trabalho pretende-se trazer para primeiro plano essa fala subjacente ao corpo e a sua presença viva no espaço. O sonho, tal como refere

Bachelard, não se processa puramente por formas, uma vez que a nossa imaginação está envolvida em substâncias.

### **Uma nova etapa do percurso artístico, na procura da auscultação da matéria como linguagem viva**

Na presença de organismo vivos, cuja forma é complexa como a das árvores, bem como no contexto que a envolve - a floresta, o corpo entra em diálogo empático com essas formas e sistemas dinâmicos ao contempla-los. Reencontra significado na qualidade dessa ligação, e no diálogo encontra um léxico próprio, aqui privilegiado no veículo do corpo e da linguagem não verbal. Não só para traduzir informação, mas sobretudo para vivê-la, como estabelecimento de um veículo de entendimento e experiência.

Pretende-se criar um vocabulário próprio para comunicar com a realidade viva da floresta, com a matéria, e com a complexidade das estruturas vivas. Uma linguagem que expresse e contemple e assinale nuances do sensível, da interioridade e da expansão da consciência.

O que há para experimentar expandido os limites do sensível e da consciência? Que padrões reconhecemos, sensibilizando a acuidade do olho da consciência?

Que podemos conhecer sobre a matéria viva e não viva, que nos abra o horizonte sobre a interação e sobre o fenómeno da consciência?

Que tipo de relação podemos estabelecer entre o corpo e a consciência, por forma a construir a nossa experiência enquanto seres vivos conscientes.

Qual a unidade mínima de movimento?

Qual a unidade mínima de consciência?

Qual a unidade mínima da matéria sobre a qual possamos ter consciência?

Continuando o desenvolvimento da linguagem coreográfica partir de tarefas perceptivas inspiradas nas diferentes etapas alquímicas, e sobe o seu enquadramento filosófico enquanto processo de transformação, vamos desenvolver o discurso do corpo agora em



diálogo empático e inter-relacional da natureza e paisagem interior com a natureza exterior. Enquadrando o tema da ecologia no contexto do processo do encontro do arquétipo do si-mesmo. Defendemos que a arte envolve uma conexão com o mundo vivo e um senso de totalidade e integridade, que produz um sentimento de ter raízes, que nos remete para um restabelecimento de um elo com a vida. Pretendemos que cada uma das nossas criações emane uma aura viva na comunicação do corpo com esse lugar. Que crie um “curto-circuito”, um hiato de experiência vertical. Pretende-se alargar esse campo de pesquisa com enfoque na ecologia profunda, repensando o lugar do homem na actualidade, no futuro e na relação com o mundo “mais-que-humano”.

### ***Dimensão política do CORPO na Arte***

*“Somos seres biológicos e Históricos cujos sistemas físicos, metabólicos e neuronais inteiros foram sintonizados ao máximo de acordo com a realidade de nossos factos físicos, ecológicos e biológicos”*

Na realidade contemporânea os conceitos de produtividade, funcionalidade, e sacralidade do aspecto financeiro, condicionam e induzem a uma aceleração da experiência humana, e indubitavelmente a uma perda da complexidade e qualidade de vida e do encontro do seu significado. Este aspecto traduzido tão bem na frase:” tempo é dinheiro” faz-nos esquecer de que cada momento tem um tempo próprio e orgânico e que a não escuta do corpo e das suas sensações, do ambiente no qual este pertence, produz uma falta de integridade, desenraizamento, desadequação e violência, que se reflecte no desrespeito pela vida humana, animal, bem como pelo equilíbrio dos ecossistemas e levando ao esgotamento de recursos naturais.

**“Durante a maior parte da existência da nossa espécie, os seres humanos estabeleceram relações com todos os aspectos sensíveis à sua volta, trocando possibilidades com cada forma que se agita, com cada superfície rugosa ou macia e com cada entidade tremente a que calhava darem a sua atenção.**

**(...) devemos renovar o nosso conhecimento do mundo sensível em que todas as nossas técnicas e tecnologias estão enraizadas. Sem o oxigénio da respiração das florestas, sem a força da gravidade e a desordenada magia dos rápidos fluviais, não temos nenhuma**

distanciação em relação às nossas tecnologias, nenhuma maneira de avaliar as limitações delas, nenhuma maneira de impedir que nos transformemos nelas. Precisamos de conhecer as texturas os ritmos e os sabores do mundo corporal e de distinguir prontamente esses sabores dos que são invenção nossa. A realidade diretamente sensível, em todo o seu mistério mais-do-que-humano, continua a ser a única pedra de toque sólida para o mundo experiencial agora inundado de panoramas electronicamente gerados e de prazeres fabricados; só no contacto regular com o chão tangível e com o céu podemos aprender a orientar-nos e navegar nas dimensões múltiplas que agora nos reclamam.”

David Abram  
(in “A Magia do Sensível” )

Paralelamente a isto assistimos a uma criação abundante de realidades fictícias confinadas, a lugares comuns, opiniões pré-formatadas, e construção de necessidades artificiais, que se coadunam com a manutenção de uma forma de pensar globalizada homogénea, facilmente manipulável e (semi-adormecida) com pouco sentido.

Enquanto ícones destas formatações, assistimos a apresentações comercializadas do corpo. Cada vez mais, vivemos num tempo futuro e perdemos a noção do tempo presente. É precisamente quando o corpo/consciência se encontram presentes, que surge o auto empoderamento, a empatia, a sintonia, a capacidade de reconhecer o outro ser como igual, a capacidade de criar, de sentir, de nos emocionarmos e de usarmos o exercício do pensamento e consciência para nos criarmos e recriarmos “ à luz da mais magnífica visão que já tivemos sobre nós mesmos”.

Pretendemos com o nosso trabalho a valorização de um corpo real sensível, inteiro, que escuta, que respira e que está vivo e que faz parte da vida que o envolve.

## Ficha Artística

Concepção artística e coreografia: **Pedro Ramos**

Interpretação: **Pedro Ramos, Sandra Rosado, Marta Cerqueira, Luis Guerra, Vania Doutel Vaz, Sofia Portugal, Pedro Garcia e Lua Carreira**

Assistência artística: **Sandra Rosado**

Composição musical: **Pedro Carneiro**

Desenho de luz: **Pedro Ramos**

Assistência técnica e operação: **Tânia Neto**

Concepção de espaço cénico: **Pedro Ramos**

Construção dos objectos cénicos: **Silveira Cabral**

Figurinos: **Pedro Ramos**

Comunicação e Design: **Nádia Carmo**

Acompanhamento e registo documental: **David Cachopo**  
(fotografia) e **Luís Margalhau** (vídeo)

Produção: **Ordem do O**

Co-Produção: **Cine-Teatro Avenida, Cine-Teatro de Gouveia**

Apoios: **Câmara Municipal de Lisboa, Fundação GDA, Trilhos Verdes, Junta de Freguesia Avenidas Novas**

Apoio a residências artísticas: **Trilhos Verdes, Junta de Freguesia de Avenidas Novas, Câmara Municipal de Lisboa, CIM - Centro de Interpretação de Monsanto**

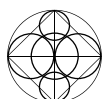
Consultores/Colaboradores: **Teresa Simas, Álvaro Fonseca**

### Contactos:

Director Artístico: **Pedro Ramos**

ordemdoo@gmail.com

+351 967292531



Ordem do O